

CLUBE PROVÉRPIO EDITORA

VOL. 3 Nº8 / 2026

ISSN: 3085-7058

*A literatura crua de Hilda Hilst
Um convite à escrita que não teme
o íntimo, o visceral, o indizível*

prosa
poesia
patrimônio cultural
dica de leitura
e muito mais...



Copyright ©2026 Provérbio Editora
All rights reserved.
Todos os direitos reservados.

Vol 3 nº8 | maio 2026

proverbioeditora.com.br
contato@proverbioeditora.com.br
@proverbioeditora

Projeto gráfico, diagramação e edição | Fernando Raine
Revisão | Autores

Provérbio Editora está localizada na Av. Getúlio Vargas, 604, Edifício
Bradesco, Centro, Juiz de Fora, MG. CEP: 36013-010

Carta do editor

C arissimae et carissimi,

Alcançamos nossa oitava edição e, com ela, iniciamos um novo capítulo. Esta é a primeira versão totalmente digital da revista. Depois de anos insistindo no formato impresso, precisamos reconhecer que ele se tornou inviável. Seguimos, porém, com a mesma dedicação editorial, oferecendo nosso trabalho gratuitamente, disponível para download no site da editora, e mantendo a convicção de sua qualidade.

Nesta edição nº 8, apresentamos um ensaio dedicado à obra de Hilda Hilst, assinado por Sarah Munck Vieira. Trazemos também uma reportagem cultural de Daniela Bisaggio sobre a Universidade Federal de Juiz de Fora, explorando sua relevância histórica, social e artística para a cidade e para a formação de gerações.

A arte desta edição é de Erik Whyntor, artista multifacetado e ilustrador da Provérbio em Juiz de Fora.

A revista permanece gratuita, mas quem desejar apoiar a continuidade do projeto pode contribuir com doações via pix. Qualquer valor ajuda a manter vivo este trabalho que fazemos com tanto cuidado.

Encerrando, deixo meu sincero agradecimento a todos que nos acompanharam até aqui. Seguimos juntos, agora no formato digital, mas com o mesmo compromisso.

Namastê, do editor,
F. Raine

Saiba quem são os colaboradores e em que páginas eles estão

- Akupla | 7
- Beatriz F. Santos | 8
- Cláudia Pinto | 9
- Daniel Marchi | 10
- Daniela Bisaggio | 38
- Denise Doro | 11,32
- Erik Whyntor | 37
- Eulina Ferraz | 12
- Everton Rocha | 13
- Fernando Raine | 33
- Gilsa de Oliveira Mendonça | 14
- Gisela Maria Bester | 15
- Graci Apolinário | 16
- Hugo Goretti | 17
- Lívia Pádua | 18
- Márcio Santiago | 19
- Miriam Freitas | 21
- Neuza Marsicano | 24,34
- Rafaela Samagaio | 36
- Richard Michael Grazul | 25
- Sarah Munck Vieira | 43
- Vitória Martina | 26

...mos, crônicas, poemas,
...ances, livros de fotografia
...ros de psicologia, antolo
...DO ISSO A PROVÉRPIO



Provérbio Editora

materializando seus sonhos em livros



— publicque conosco em 2026 —

POESIA

VENTO CEGO

Akupa



Por entre os poros do quarto
uma nesga de luz percorre o espírito.
Um vaso de planta esquecido
em casa branca,
que fosse tela
aos olhos coloridos
de um vento cego

OLHO E GOSTO

Beatriz F. Santos

Olho para mim
Gosto do que vejo
Mas nem sempre penso assim
Já me disseram que preciso formar o meu próprio jardim
Atrair borboletas, coisas boas, vida
Sinto a alegria em mim
E vai-se por entre os dedos, como água
E eu não gosto.
Gosto de me ver mas deixo a seguir
É difícil perceber-me.
Parece que deixo de ser bonita
Se não me estiver a ver ao espelho
Se não me estiver sempre a confirmar
Que o sou
O deixo de o ser com uma roupa mais fechada
Ou com o cabelo todo direitinho
É um tão grande desalinho
comigo mesma.
Mas são dias e dias.
Há dias melhores e dias piores
Há sorrisos mais sinceros que outros.
Há que recuperar.
Há que procurar amar-me mais
E ser mais feliz...



OUSADIA

Cláudia Pinto

Observo o objeto opulento

Ostento olhares ocres

Orquestro ondas obscuras... oníricas...

Onde obter odes obscenamente ovacionadas?

Onisciente, outorgarei odisseia ostensiva

Onipotente, oferecerei o Olimpo!



A VIDA SECRETA

Daniel Marchi

Maravilhado ao descobrir
A vida secreta
Dos monges
Igual à vida secreta
Dos poetas



Versoração coordenada
A atrapalhar os dias
Com sua maleabilidade exuberante
Interna

Às voltas
Entre claustros
e incunábulos

Pés na terra,
olhos no céu

Até darem gosto à sepultura
E brilharem
Esquecidos no firmamento.

CANTO QUE ENCANTA

Denise Doro

Ouço o canto que encanta
Poucos ouvem; isso me espanta
Basta silenciar as palavras
Para tudo captar.

O canto dos passarinhos
O canto do vento forte
O canto das palavras meigas
Das águas dos rios, praias e cachoeiras

A natureza concede, beleza a esses cantos
Encantando sempre nossos dias
Dando-nos paz e alegria.

Pessoas nascem com talento
Para seu canto encantar
Resta-nos então as admirar.



TUDO MEU AMOR

Eulina Ferraz



Não chega de hora marcada
Chega no meio da tarde
No fim da noite
No começo do dia
O amor chega na ponta do pé: de mansinho,
abre a porta
Vem no disfarce
De madrugada
Fingindo
Penso que é você
Olho para ele, tento conferir
Tá mascarado, não deixa.
Fecho os olhos, deslizo minhas mãos pelo seu rosto,
cheiro devagar seu pescoço, seu queixo,
sinto seu perfume...sua boca, não me atrevo.
Sim, tudo seu, mil vezes.
Essa lembrança me quebra todos os dias...

CONTEMPORÂNEO

Everton Rocha Vecchi

Cheguei aos quarenta
sem heroísmo.

Amei de verdade,
ri alto,
chorei em silêncio,
perdi caminhos que pensei ser destino.

Houve dias em que me desfiz
só para caber de novo em mim.

Não sou meu sobrevivente
não vivo de ruínas.
Sou meu contemporâneo:

habito o agora
com todas as versões que já fui
respirando juntas.

E, enfim,
existir
já é recomeçar.



DESALUGUEI-ME

Gilsa de oliveira Mendonça

Tantas dores d'alma que são encobertas
Por não serem percebidas
Coisas de idas e de vindas
Na trajetória vivencial de um ser
Ser que se permite diminuir
Para caber na existência de outro.
Que coisa mais triste, que coisa mais deprimida.
Criar um abismo, em si, destruir-se, desmerecer-se.
Um dia, o sol ao aquecer, derreteu o gelo interior
A história reascendeu...
O não deu um tempo e, nesse interim,
O sim se iluminou,
Jorrou raios e o que era dúvida, tornou-se certeza.
O íntimo é um lugar que não se aluga
Mora-se nele!!!
A vida deve ser topo.
E, no topo, apresentei-me novamente a mim mesma.
E decidi que abismos não mais se farão em mim,
E se caso insistirem em aparecer, crio pontes!



UM CORPO QUE CAI

Gisela Maria Bester

Mulher, te dei morada, mas...
essa boca humilhada
esses olhos gencianos
onde estão teus dentes?

Mulher, te dei caminho
de veias, para resvalar o sangue quente
de pernas, para levar teus sonhos ao cio
de línguas, para friccionar tuas traduções
e há glossários, para necessárias desobediências

Mulher, te dei desejos
Cordas e sons de cantar a vida úmida
Mas essa dobradiça repetindo
rangendo mecânica dor

esgotada
e seca

qual trapo perdido, escorregando no vazio
movimenta insana inanição

Mulher oceânica
investiga teus rastros
e tenha em ti um poema
porque um corpo que cai
é o mesmo que se levanta



mãos suando, pernas trêmulas, bocas seca
e o peito explodia em mil fagulhas.
nem todo ar que eu respirava era suficiente
para inflar meu peito.
sensação de morte!
só que eu não morria!
durava!
esse era o castigo
sentimentos caóticos demais
para caber em mim...
e finalmente quando aquilo ia embora
meu corpo inteiro se dissolvia no chão.

— das vezes que não consegui ser meu lar.



COPIOSO

Hugo Goretti

Seu corpo imóvel,
Seus olhos perdendo-se em lágrimas
Se foi no vazio e se vai

Lástima, lamento
Cor transluz
Segue atento
No tropeçar do andar

Se foi inútil
Ou se foi fugaz
Se foi profundo
Mergulho que já não há

Me afogo em mim mesmo
Puxando o ar que acabou de me tirar
Segue atento
Ou te engolirá o mar

Que bom que é o retrato meu
Que bom que é o retrato seu
Que bom era o nós
Que bom o retrato nosso

E se um de nós brilhar
Deverá sempre ser
O amor que se entregou





Sem perceber, o sonho foi embora,
os objetivos mudaram,
você já não é a mesma pessoa.

Sem perceber, o tempo passou,
você amadureceu.

Aquilo que um dia amava já não tem importância,
aquele sonho que tanto lutou já não te pertence.

Sem perceber, você mudou.

E isso é bom.

Na verdade, é a melhor parte:

encontrar um novo sonho

Para: alguém que está tentando se reencontrar

De: alguém que deixou seu sonho ir embora

ORQUESTRA DE OSSOS

Márcio Santiago

E, as violações não foram apenas em vida,
Elas continuaram no túmulo pelos ossos,
por aqueles sádicos insanos profanadores e lá estava o
corpo dela(...)

Eles não deixariam su'alma descansar
O corpo que desfigurava revelava os prêmios
os ossos que as hordas de hereges saqueadores tanto
cobiçavam

Ornamentos macabros que de lá extraídos virariam
utensílios,
Canecas, copos, facas e objetos musicais Sim,
os instrumentos musicais eram de fato excelentes
para compor as valsas do mundo dos espíritos
obsessores

O flautista do maligno executava sua música
ao sol que brincava com as luzes dos desenhos
de corações no lambril vazado sobre o corpo pálido,
sem vida

A canção sombria dizia que a gente mente gentilmente
o tempo todo por tudo e para todos!



Eu minto faminto, não mintais pecados banais
Helminto ser flagelado invés de platelminto,
no mesmo instante, o líder dos hereges percebeu
que quando uma coisa atinge o seu auge,
ela começa a declinar e a morte não é real!

As batidas do percussionista com as baquetas de ossos
eram no tempo do compasso do coração que não mais
batia mas,

repentinamente voltara a bater

Alinhados como quem não vai a lugar nenhum

quando se perde num labirinto hermético

de desconhecido caminho e ao som macabro,

ela acordou do mundo dos mortos para bailar com os
vivos.



SEGREDO ENTRE ABAPURU E EU

Miriam Freitas

(a Tarsila do Amaral)

Na festa

nenhum vinho ou champanhe
apenas o lado esquerdo estava coberto
pelo teu corpo
robusto, pés enormes, ombros de carne
feição misógina

perdido
no meio do nada
rosto miúdo no deserto azul
o cactos e a desesperança, sol
acima do tom, ardendo o corpo
anca sem ossos, lugares acesos
nenhum relâmpago, e você me pergunta
se vai chover
: eu digo que sim



na pele crespa, reflexos ocre:

– terra e vento –

tantas nuances...

a léguas e distâncias

te acompanho

nos livros

nos museus

no azulejo da pia da cozinha

(na sua esquisitice

você é meu herói

sempre)

agora você aqui,

nesta casa, de novo,

no hall da escada

me olha



te venero

te ouço

toco suas frágeis algemas

tudo bem, tudo azul

não são os cisnes com a beleza em plumas

de uma masculinidade imponente

que me atraem

não, não são.

Mas você

com teu corpo desajeitado

pés de monstro

esqueleto gordo deformado

que é o meu abismo

dia após dia

e você me arrastando até o seu deserto.



SE OLHARMOS PARA TRÁS

Neuza Marsicano

Se olharmos em algum dia para trás
E surgirem rancores e não um sorriso
Lembre-se, que é nosso ser que está indeciso,
Pois nem mesmo alegria ele tem mais...



Se vivermos futuramente sem termos paz.
Devemos seguir um novo caminho, se preciso!
Mas se nossos passos estiverem presos ao piso
Sairemos deste caminho sem voltarmos jamais...

Se voltarmos, que não seja por motivo de rancor,
Pois devemos lutar sempre até contra a própria dor,
Sem deixarmos passados tristes na lembrança...

O CEMITÉRIO

Richard Michael Grazul

depois do que me parecia uma viagem interminável
navengando a estrada de chão
chegamos no cemitério
o caixão foi retirado do carrinho
com as quatro rodas gigantescas
de liga leve de alumínio
e levado ao túmulo
o zelador do cemitério sugeriu que o caixão fosse aberto
a história do caixão que foi aberto para revelar
arranhões furiosos na tampa foram contados
a família julgou desnecessário
com um jeitinho aqui e um malabarismo ali
a finada dona Íris foi gentil e dignamente
sepultada no túmulo familiar
e a porta foi lacrada



ÉRATO

Vitória Martina

Eras tú
Musa indelével
Útero fértil
De G.A.D.U



Eras tú
Linha do Equador
Santa quebrada em andor
Musa do Grajaú

Eras tú
Vento de mudança ao leste
Denominação, peste
Nariz de Abaporu

Foste fala
Foste bala
Enseada...

Silêncio corrosivo
Pote de mel
Anseio descabido
Vagava na alma
O cio ecoante que luzia

Bacia de luar,
Pousa em lótus
Mas, meu coração
Érato - oco - se desfazia....

SIGA NO INSTAGRAM

<https://www.instagram.com/ohlalapapier/>



A literatura só permanece viva quando encontra leitores que acreditam nela.

Apoie a nossa revista e ajude-nos a seguir criando, pesquisando e publicando.

Toda contribuição, pequena ou grande, fortalece o nosso trabalho e garante a continuidade deste projeto.

Nossa chave PIX:

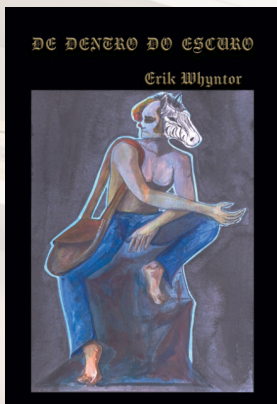
32f3ef14-bed0-45b1-9acf-e19394aed1e2

“

Minas é Minas
Minas indica o caminho
e recebe de portas abertas
Minas antiga, moderna
me flerta, me acerta
e se faz eterna

”

CAFÉ, J. in: Uai sô - Minas Gerais em contos e poemas .
1. ed. Juiz de Fora: MG: Provérbio Editora, 2023. p. 118



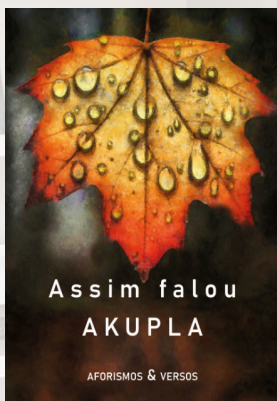
TÍTULO: De dentro do escuro

AUTOR: Erik Whyntor

No prelo

EDITORA: Provérbio Editora

Apoie clicando aqui: https://www.catarse.me/de_dentro_do_escuro_eb14?ref=project_link

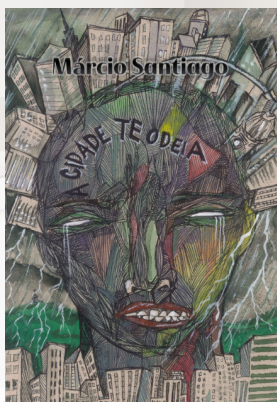


TÍTULO: Assim falou Akupla

AUTOR: Akupla

Nº PÁGINAS: 154

EDITORA: Provérbio Editora

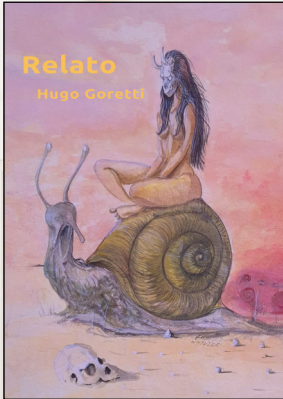


TÍTULO: A cidade te odeia

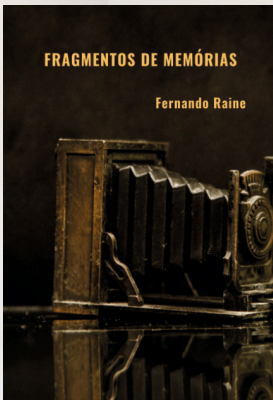
AUTOR: Márcio Santiago

Nº PÁGINAS: 124

EDITORA: Provérbio Editora



TÍTULO: Relato
AUTOR: Hugo Goretti
No prelo
EDITORA: Provérbio Editora
Apoie clicando aqui: [https://www.catar-se.me/relato_0c1e?ref=project link](https://www.catar-se.me/relato_0c1e?ref=project_link)



TÍTULO: Fragmentos de memórias
AUTOR: Fernando Raine
No prelo
EDITORA: Provérbio Editora
Apoie clicando aqui: [https://www.catar-se.me/fragmentos_de_memorias_9a5a?ref=project link](https://www.catar-se.me/fragmentos_de_memorias_9a5a?ref=project_link)



TÍTULO: Esquecemos os nomes dos pássaros
AUTOR: Sarah Munck Vieira
Nº PÁGINAS: 104
EDITORA: Provérbio Editora

PROSA

A PERFEIÇÃO

Denise Doro



Vivemos em busca da perfeição...

No trabalho, nas escolhas enfim em tudo que nos envolve e acabamos indo em busca do melhor, pois assim seremos percebidos, elogiados, valorizados e etc...

No entanto, em alguns momentos isso pode tornar-se uma doença. A busca desenfreada por algo perfeito não é bom. Afinal errar é humano, um velho dito popular e muito verdadeiro.

Nessa cobrança incessante de nossos atos e trabalho, acabamos tendo um desgaste psicológico irreversível. Vamos aos extremos. Tendemos a fazer com os que nos rodeiam o mesmo, e encontramos defeitos onde não existe.

Os projetos e sonhos devem ser por nós sempre vividos. Por merecimento os realizaremos mais dia menos dia.

A Perfeição não existe.

O que podemos fazer é pensar bem antes de agir, cobrar menos de nós e tudo que fizermos deverá ser feito com Amor.

Sendo assim, seremos realmente vitoriosos.

A maior virtude é a Humildade. Os humildes serão certamente notados e os vaidosos antipatizados.

JOGOS DE SEDUÇÃO

Fernando Raine

Raquel e André dançam agarrados em um clube escondido na Avenida Getúlio Vargas. Eles se movem em sintonia, superando limites e fugindo do convencional. No meio da liberdade do ambiente, os dois se deixam levar por um jogo sem fim de sedução.

Raquel bebeu tanto que perdeu o equilíbrio e derrubou seu copo de cerveja, fazendo o líquido escorrer pelo chão da pista de dança. André, segurando-a em seus braços, percebe que um senhor de chapéu Panamá, sentado no bar, olha para eles com intensidade. Quando o casal dá uma pausa para descansar, este senhor misterioso se aproxima.

Sentando-se ao lado de Raquel, o senhor de chapéu cria uma atmosfera tensa. De repente, ele quebra um copo e enfia um pedaço de vidro na garganta de André e outro no coração de Raquel. O silêncio é pesado enquanto os olhares se cruzam, revelando um mistério e uma curiosidade, onde os jogos de sedução assumem um novo e assustador aspecto.



ENTRE ESTAÇÕES

Neuza Marsicano

Epílogo

E depois daquele evento, os dias passaram a correr devagar...

Ela ocupava a poltrona junto à janela como quem cumpre um ritual. Dali, via a árvore da calçada se desfazendo aos poucos: as folhas caíam em silêncio, cobrindo o chão com uma beleza triste que ela não sabia explicar, só sabia sentir. E, no início, aquilo que era apenas distração, de tanto sentir e sentir tanto, virou espelho. Espelho da alma. Esta, agora, tomada por nostalgia de si mesma.

E era assim que acontecia: cada folha parecia levar consigo uma lembrança – tempos mais leves, passos firmes, risos sem esforço. Havia uma saudade, ora discreta, ora dilacerante, mas em tudo, principalmente do que costumava ser: o ser antes daquela cirurgia.

A recuperação (ou o retorno a si mesma) exigia paciência, e o corpo nem sempre obedecia. Em certos dias, a dor falava mais alto. Em outros, era o silêncio que pesava. Até que, numa tarde comum, algo rompeu a rotina. Foi aquela criança que o acaso trouxe e o acaso a fez a ver. A pequena parou diante da casa. Trazia folhas secas nas mãos. Olhou para a janela, como se soubesse que estava sendo observada, e sorriu.



Então, lançou as folhas ao ar. Elas subiram, giraram, dançaram ao vento — não como despedida, mas como brincadeira. Por um instante, o outono perdeu sua melancolia. A criança seguiu caminho. E ela permaneceu ali, mas diferente.

Com esforço, levantou-se e abriu a janela. O ar entrou leve, tocando seu rosto como um convite. Pela primeira vez, não pensou no que havia perdido.

Pensou no que ainda podia florescer. Mas que deveria regar de esperança e adubar com fé o seu retorno a si mesma para que o mundo e a alegria voltassem a ocupar sua rotina...seus olhos...e seu coração.



VAZIOS

Rafaela Samagaio Ferreira



Sentiu que o momento se aproximava. Inevitável. Necessário. Não que houvesse se esvaído o medo. Não que houvesse se findado o choro. Já havia marcado esse encontro consigo mesma antes, algumas vezes. Desta-vez-não-hesitou. Ao se ver se aproximando, a profecia se cumpriu. Uma dor tomou-lhe as entranhas como nunca havia sentido. Seus corpos se contorciam. Gritou. Para sua sorte estava acompanhada somente de si mesma enquanto as contrações ameaçavam virar-lhe ao avesso. Passados os temores e os tremores, o silêncio a engoliu. Repousou em uma paz indizível. Uma quietude a abraçou quando se aninhou em seu próprio colo. O silêncio a ensurdeceu. Ela estranhou feito gente de chegada no mundo e amou a estranheza. Ensurdeceu para o mundo ao amplificar seus próprios ruídos. A claridade de seu despertar, tão intensa, a cegou. Ela estranhou feito gente de partida do mundo e amou a estranheza. Repousou em sua não-forma. A presença encheu seus pulmões de vazios. Surda e cega sentiu-se plena pela primeira vez. No cheio nada novo. Nos vazios frescor.

Arte



O manipulador manipulado
Óleo sobre tela
Dimensões: 50x70 cm | 1992

PERSPECTIVAS & DIÁLOGOS



A UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

Daniela Bisaggio

Juiz de Fora tem um costume antigo, como diria um bom mineiro, de estar entre as pioneiras em muitos assuntos; e no caso de possuir uma universidade federal, não é diferente. Como a conhecemos hoje, foi criada pela lei 3858 em 23 de dezembro de 1960 pelo presidente Juscelino Kubitscheck e a unificação de faculdades pré-existentes, tornando-se, assim, um polo acadêmico.

O campus, localizado no bairro São Pedro, começou a ser construído em 1969 e foi inaugurado em 1971. Direito, Farmácia e Odontologia, Engenharia, Medicina e Economia foram os cursos federalizados que

serviram de berço para a universidade, nos anos de 1970 e com a reforma universitária de 1968 foram criados os institutos – base: o ICB (Instituto de Ciências Biológicas); o ICE (Instituto de Ciências Exatas) e o ICHL (Instituto de Ciências Humanas e Letras).

Durante os anos de 1990 e 2000, ainda num processo de expansão foram criados o CCS (Centro de Ciências da Saúde) abrigando cursos como Enfermagem e Fisioterapia; o IAD (Instituto de Artes e Design) e a FALE, a faculdade de Letras que se desmembrou do antigo ICHL. Não podemos esquecer a criação de diversos cursos de pós-graduação, *lato e strictu sensu*, ao longo destes anos e a criação do campus avançado de Governador Valadares em novembro de 2012; e também a implementação de diversos cursos e projetos em EaD (Educação à Distância) e políticas de inclusão educacional e social.

Que tal um passeio diferente por Juiz de Fora desta vez? Alguns cursos da UFJF funcionaram em



prédios antigos que estão espalhados pela cidade, uns preservados outros não, determinadas edificações são pertencentes a UFJF. Vejamos:

🌸 Faculdade de Direito: funcionou onde hoje é o Fórum da Cultura, na rua santo Antônio;

🌸 Faculdade de Engenharia: funcionou onde hoje é o colégio de aplicação João XXIII;

🌸 Faculdade de Farmácia e Odontologia: funcionava na rua Espírito Santo, 1023;

🌸 FAFILE (Faculdade de Filosofia e Letras): funcionava na avenida Barão do Rio Branco, no prédio que hoje abriga o centro cultural Pró-música e já abrigou o centro de estudos Murilo Mendes (embrião do Museu de arte Murilo Mendes).

FONTE: Site da UFJF: <https://www2.ufjf.br/ufjf/sobre/historia/>



“

a princípio, tudo flores, love bombing
sem espinhos a ferir
mas...muda subitamente
não há esperança por vir

”

HEENZI, L. Blinde-se. 1. ed. Juiz de Fora: MG:
Provérbio Editora, 2025. p. 15



O ESPLENDOR DO ABISMO: A POÉTICA DA CARNE E DO INEFÁVEL EM HILDA HILST

Sarah Munck Vieira

Ler Hilda Hilst é dedicar-se à geometria do espanto. Não se trata de um ato de passividade, mas de confronto, visto que sua escrita não se oferece à leitora ou ao leitor como consolo, mas como interrogação contínua sobre a natureza do ser, a crueza da carne e a impossibilidade diante do eterno. Pairamos, então, sobre um território em que a beleza coexiste com a ferida, um movimento paradoxal cujos versos ocultam a delicadeza afiada de um espinho em flor.

Hilda opera uma alquimia rara: a transformação do chão da existência, isto é, daquilo que é instintivo (o sexo, os fluidos, o apodrecimento) em alta

metafísica. Em sua busca pela iluminação, somos levados para espaços de investigação do sagrado. Nos versos da poeta, compreendemos que não se chega ao espírito ignorando o corpo, mas atravessando-o. A visceralidade de seus temas é, paradoxalmente, o que sustenta o esplendor de sua estética.

Na poesia de Hilda, o corpo é o lugar da revelação no qual convergem altar e matadouro. Se em obras como *Júbilo*, *Memória*, *Noviciado da Paixão*, encontramos uma poeticidade amorosa de altíssima voltagem, é na percepção da finitude que a crueza se manifesta com maior vigor. A autora nos lembra constantemente de que somos matéria orgânica e pensante em processo de dissolução. No emblemático "*Dez Chamamentos ao Amigo*" (*Poema I*), essa entrega se torna evidente:

*"Se te pareço noturna e imperfeita
/ Olha-me de novo. Porque esta
noite / Olhei-me a mim, como se
tu me olhasses. / E era como se a
água / Desejasse / Escapar de sua
casa que é o rio / E deslizando*



*apenas, nem tocar a margem / Te
olhei. E há tanto tempo / Espero
/ Que o teu corpo de água mais
fraterno / Se estenda sobre o meu.
Pastor e nauta / Olha-me de novo.
Com menos altivez. / E mais
atento."*

A consciência da finitude não é apenas melancólica; é urgente. A beleza em Hilda reside na coragem de olhar para o que é carnal e mortal e encontrar, ali, uma centelha de transcendência. A escritora desafia a lógica do pudor e expõe o desejo em sua forma mais bruta, revelando o impasse fundamental: o de que não fomos feitos para findar. Assim, o abismo hilstiano não se limita ao desejo, mas se expande para a própria definição do que é sermos radicalmente humanos; estarmos despidos de glórias e sermos apresentados em nossa animalidade:

*"Sou façanha / Escuro pulsante /
Fera doente. / À tua semelhança:
/ Homem."*

Aqui, a precisão cirúrgica das palavras define a façanha do próprio existir: pulsante, cardíaco e interior. Destituída de

santidade, a fera doente promove nossa finitude doída, bela e compartilhada.

Hilda interpela o intangível com a intimidade de um amante e a fúria de um profeta exilado. Ao buscar a outra face, a poeta esbarra no silêncio, e é justamente nessa construção do vazio que reside a força de sua poética. No encerramento de seus chamamentos (Poema XII), a autora divaga sobre a fragilidade da matéria:

*"Se tivesse madeira e ilusões / Faria
um barco e pensaria o arco-íris.
/ Se te pensasse, amigo, a Terra
toda / Seria de saliva e de
chegança. / Te moldaria numa
carne de antes / Sem nome ou
Paraíso. / Se me pensasses, Vida,
que matéria / Que cores para
minha possível sobrevida?"*

Sua escrita é quase um exercício teológico: é a consubstanciação da carne e da imaterialidade, do obscuro com o eterno. Essa mistura desestabiliza o leitor, retirando-o do conforto da rima fácil para lançá-lo no centro do incêndio existencial. Ao final, a experiência de ler sua obra é



a de aceitar nossa própria ambiguidade. É da lama fazer o ouro, lembrando a Baudelaire; e Hilda é a mestre que nos conduz por esses dois reinos sem nos oferecer caminhos artificiais. Sua poesia nos ensina que o lirismo mais profundo é aquele que sobrevive ao desastre e que brota, precisamente, da consciência da morte.

Hilda Hilst permanece como uma voz brilhantemente inclassificável. Sua obra é um convite para que deixemos de lado aquilo que nos aprisiona e olhemos para nossa infinita capacidade de desejar e imaginar. Seus versos são marcos luminosos que nos lembram de que a verdadeira arte nos desperta para o fascínio terrível de estarmos vivos.

*Por que me fiz poeta?
Porque tu, morte, minha irmã,
No instante, no centro
De tudo o que vejo.
No mais que perfeito
No veio, no gozo
Colada entre eu e o outro.
No fosso
No nó de um íntimo laço
No hausto
No fogo, na minha hora fria.
Me fiz poeta
Porque à minha volta
Na humana ideia de um deus
que não conheço
A ti, morte, minha irmã,
Te vejo.*

Hilda Hilst



Uma vitrine literária da nossa diversidade

Em *Brasilidade(s)*, cada autor apresenta um pedaço do país, seus ritmos, afetos e contrastes. Uma antologia que enaltece o que nos torna múltiplos e abre portas para quem deseja fortalecer sua trajetória literária. Edital em breve no Instagram da editora. Participe conosco. Antologias enriquecem o currículo.



APOIADORES CULTURAIS DESTA EDIÇÃO



<https://www.instagram.com/gar.impochique/>



<https://www.instagram.com/techtinker.studio/>

Blank lined paper with horizontal ruling lines.

